

FELIZMENTE HÁ LUAR

Peça em 2 actos de LUÍS STTAU MONTEIRO. Publicada em 1961 (várias reedições). Prémio de Teatro da Sociedade Portuguesa de Escritores desse ano. Proibida pela censura.

Representada pela primeira vez no Teatro Nacional em 29 de Setembro de 1978, numa encenação do autor.

[...]

Palco vazio, sem cenário e apenas com apontamentos de cena. A acção decorre em 1817, em Lisboa.

Após a retirada das tropas napoleónicas, o país é regido por um governo absolutista anglo-português, que representa o rei, D. João VI, refugiado no Brasil. Esgotado pela guerra, explorado e miserável, o povo deposita a sua esperança de libertação no general Gomes Freire de Andrade. Os governadores do reino – Miguel Forjaz, o jesuíta Principal Sousa e o inglês Beresford, homem frio e calculista que despreza Portugal e os portugueses e não oculta a sua qualidade de mercenário eficaz, que só aspira a assegurar-se um futuro confortável e desafogado quando regressar a sua «verde e civilizada Inglaterra» – mostram-se preocupados com os relatórios que os seus delatores lhes fazem chegar acerca do ambiente de sedição fomentado pelos partidários do sistema parlamentar. E combinam entre si a melhor forma de anular de uma vez para sempre a oposição. Gomes Freire é o homem a abater: será acusado de chefiar a conspiração, julgado secreta e sumariamente, e logo executado para servir de exemplo e evitar o perdão do rei. A polícia dispersa os populares que comentam, desolados, a prisão do general. Matilde, sua mulher, acompanhada de António de Sousa Falcão, grande amigo do casal, enceta, sem grandes esperanças embora, diligências para o salvar, dilacerada entre o desejo desesperado de obter a libertação do marido e a repugnância em se apresentar numa posição de suplicante perante os seus inimigos. Estes, porém, não lhe deixam nenhuma esperança: Gomes Freire está condenado, não por um crime que não cometeu, mas por ser incómodo e perigoso porque «devendo, por nascimento e posição, defender certos interesses, defende outros». Matilde dirige-se aos populares, que se afastam fingindo não a reconhecer. Nenhum auxílio pode esperar dum povo reduzido «pela miséria, o medo e a ignorância» a uma condição de sub-humanidade por uma classe que, apesar de tudo, é a dela. Miguel Forjaz recusa-se a recebê-la e, perante a hipocrisia do Principal Sousa, Matilde já não tem súplicas, mas apenas acusações a fazer. Durante o seu calvário perdeu toda a esperança, mas adquiriu uma dignidade e uma firmeza novas, uma consciência que lhe permite compreender a verdadeira dimensão da luta travada entre o marido e as forças que se lhe opõem. Numa velada macabra, Matilde e Sousa Falcão contemplam de longe o clarão da fogueira, que o luar ilumina, onde arde o corpo de Gomes Freire.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 195-196.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.